

Vianna Moog na Questão Intelectual

Enildo de Moura Carvalho¹

Resumo:

Este texto analisa brevemente o tema da história intelectual e os intelectuais como parte da discussão historiográfica das últimas décadas. Com este propósito, tomaremos como referência a trajetória do romancista e ensaísta Vianna Moog, cuja visibilidade nacional e internacional teve início no final da década de 1930, com a publicação de *Um rio imita o Reno*. Em seguida, Moog foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e tornou-se representante político brasileiro no exterior. Atualmente é considerado um intérprete do Brasil, embora seus escritos da geração de 30 e 40 sejam pouco lembrados e analisados.

Palavras-chaves: Vianna Moog – intelectualidade – historiografia

Abstract

This text makes a brief analysis on the theme of intellectual history and the intellectuals as part of historiographic discussion of the last decades. Bearing it in mind, our reference will be the journey of Vianna Moog, a novelist and essayist whose national and international points of view began at the end of the 30's, when *Um rio imita o Reno* was published. Soon after that, Moog was elected to the Brazilian Academy of Letters, and became a Brazilian political representative abroad. Nowadays, Moog is considered an interpreter of Brazil, although his writings of the 30's and the 40's are little remembered and analyzed.

Key words - Vianna Moog, intellectuality, historiography

Introdução

Este texto analisa brevemente o tema dos intelectuais como parte da discussão historiográfica das últimas décadas. Com este propósito, tomaremos como referência a trajetória do romancista e ensaísta Vianna Moog, cuja visibilidade nacional e internacional teve início na década de 1930, com a publicação de *Um rio imita o Reno*. Nas décadas seguintes, Moog ocupou diferentes espaços no cenário das letras no Brasil, produziu romances, biografias, ensaios, e tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. No exterior, assumiu encargos políticos como representante do Brasil em organismos tais como a Organização dos Estados Americanos, Delegacia do Tesouro nos Estados Unidos e Organização das Nações Unidas.

Abordar aspectos da historiografia acerca dos intelectuais e remetê-los à trajetória de Vianna Moog permite alguns questionamentos: pertença intelectual deste autor; definições

¹ Doutorando em História do Brasil pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista da CAPES. enildom@ig.com.br

que atribuí a valores culturais e simbólicos como ciência, religião e arte. Em face disso, a inserção de Moog à arte literária, indica sua qualificação entre os intelectuais comprometidos com princípios da modernidade (verdade, justiça e razão), enfatizados por Julien Benda (2007)? Ou o desapego com tais valores inclui Moog entre os autores acusados por Benda de “traição dos intelectuais”?

1. O romance de Moog no olhar da história intelectual

A temática intelectual, na qual pretendemos inserir o discurso de Vianna Moog, especialmente relativo ao olhar de *Um rio imita o Reno*, passa por boa parte das mudanças ocorridas nas últimas décadas. Mudanças de alguma forma sentidas pela historiografia, na medida em que, o território do historiador se deslocou de paradigmas previamente estabelecidos, e se fragmentou em múltiplos objetos de observação, sobretudo a partir da década de 1970.

Neste caso, este terreno de estudos retoma sentido, sai do “ângulo morto da pesquisa”, segundo Jean François Sirinelli (2004). Talvez possamos dizer que o retorno aos intelectuais é parte de um enfoque maior, o qual centraliza o cruzamento da história das idéias, história cultural, história dos intelectuais, além da história intelectual. Isto permite pensar que o lugar do intelectual não se distancia dos homens de idéias, da cultura e do poder.

Neste terreno a história intelectual desempenha papel preponderante, como diz Marco Antônio Lopes (2003, p. 9): “a história intelectual ganha evidência a ponto de se tornar desconcertante o número de orientações teóricas surgidas no interior deste domínio. As concepções que delineiam o desenvolvimento da História Intelectual são quase tantas quantos são os historiadores”. De forma diversa se apresenta a história dos intelectuais, que apesar de jovem, não deixa de “ganhar vigor, testando problemáticas novas, desobstruindo pistas inéditas (...). A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.” (Sirinelli, 2003, p. 232).

As inovações no território dos estudos sobre intelectuais nas últimas décadas do século passado, apontadas por Sirinelli, sugerem o movimento na historiografia francesa iniciada de maneira mais contundente na década de 1930. Peter Burke (1997) analisa este contexto ao visualizar a historiografia de três gerações da escola dos Annales. A partir da década de 1970,

período da terceira geração, estaria havendo uma ampliação nas fronteiras da história, de modo que a matriz de análise econômica, social e quantitativa dos anos anteriores fragmentou-se. Isto permitiu a incorporação de novos objetos de pesquisa acerca da sociedade e do homem, caso da infância, do sonho, do corpo, da morte, da história política, em seu retorno.

Vianna Moog, todavia, é contemporâneo da primeira geração dos Annales, marcada pelo afastamento da história considerada tradicional, aquela dos grandes chefes militares e heróis políticos, em favor da história-problema no decorrer dos anos de 1930. Mesmo não sendo historiador, como romancista e ensaísta, ele se mantinha próximo de tais mudanças, uma vez que se ocupava de temas incomuns e polêmicos para a agenda dos intelectuais – revolução de 1930, nazismo, fascismo, desenvolvimento, modernização brasileira e intercâmbio cultural com os Estados Unidos.

Sirinelli (2003) aponta o retorno do intelectual enquanto objeto historiográfico, como parte da abertura à história política na década de 1970, cuja memória redescobria as primeiras décadas do século XX, especialmente a agenda política do período Entre Guerras. Helenice Rodrigues (2002) salienta, neste sentido, a intervenção do intelectual no terreno político em decorrência de sua nova atitude de engajamento em demandas políticas. (Silva, 2002, p. 16).

Após esse período de aproximação, viria o ostracismo concomitante da história política e do intelectual no período posterior à Segunda Guerra Mundial, diz Sirinelli (2003). Para isto, o autor indica o temor do historiador em sucumbir junto ao fogo mal extinto dos debates recentes. Além disso, os intelectuais compunham um grupo reduzido e pouco significativo frente à historiografia comprometida com as “massas” e com a história serial. Ao mesmo tempo, o amálgama desses domínios, o político e o intelectual, resultou decisivamente nefasto para o segundo (Sirinelli, 2003).

Por este enfoque, talvez prevaleça uma aproximação enrijecida entre ambos, o que pode induzir a um debate alheio à representação do intelectual enquanto produtor de significados, discursos e interpretações acerca da formação cultural e social. A saída para evitar esta condição no caso de Vianna Moog, passa pelo diálogo amplificado entre o político e demais segmentos sociais e culturais marcados pela sua atuação. Entretanto, isto não está condicionado a um enquadramento conceitual de intelectualidade, haja vista as indefinições desse conceito, além da forma imprecisa e incompleta que ainda se apresenta à história intelectual, especialmente no Brasil.

Sobre esta questão, Francisco Falcon (1997), foi um dos primeiros autores a salientar a falta de fontes como impedimento para um maior desenvolvimento da história intelectual no Brasil. Mais recentemente, Helenice Rodrigues da Silva e Marco Antônio Lopes, se ocuparam dessa discussão. A exemplo de Falcon (1997), Helenice (2002) também ressalta o movimento cambiante entre história intelectual, história das idéias e história dos intelectuais. Para a autora, que fundamenta seu olhar a partir da história intelectual francesa, trata-se de um território pluridisciplinar, cuja abordagem transita entre a filosofia, sociologia e história.

Partindo da premissa que pensar a relação dos intelectuais e a história intelectual é transitar em terreno movediço, o questionamento de Vianna Moog em suas idéias, especialmente na obra *Um rio imita o Reno*, dificilmente foge do diálogo entre história e outras áreas do conhecimento.

2. Traidor ou alienado

Vianna Moog inicia o romance detalhando a chegada de Geraldo Torres a Blumenthal. Natural da Amazônia e formado em engenharia, Geraldo chega com a incumbência de instalar um projeto de saneamento das águas do principal rio que abastecia a cidade, o rio que imitava o Reno, cujo consumo estava comprometendo as condições sanitárias da população, das residências e da cidade, provocando elevado índice de mortalidade nas comunidades próximas. Em razão disto, caberia a Geraldo, munido de conhecimento técnico e científico, construir sistemas que garantissem a qualidade da água à comunidade da região.

Ao tratar essa questão, o autor retoma uma das discussões basilares na década de 1930 que era a temática social, preocupação esta que podemos observar, por exemplo, na forte incidência do romance de cunho social na literatura brasileira da época. A intenção de purificar a água visando o consumo humano, fazia parte de um projeto mais amplo, que era o saneamento urbano, especialmente nas grandes cidades brasileiras, cuja discussão também já se estendia desde o início do século XX.

Ao lançar mão de demandas sociais na construção do romance o autor permite mobilizar discussões que anunciam seu pertencimento ao meio intelectual. Uma das janelas para isso evoca as interpretações do já citado Julien Benda em *A traição dos Intelectuais*, de 1927. Nesta abordagem, Benda define o intelectual como um estrito defensor da justiça, da razão e da verdade. Quem, eventualmente, deslizesse dessa tríade em nome de outros valores,

recebia de Benda uma nova designação, a de traidor. O desvio é uma traição dos intelectuais (Benda, 2007).

O trabalho de Benda gerou discussões naquela época e décadas posteriores. Edward Said, por exemplo, salienta que o intelectual de Benda “deve correr o risco de ser queimado na fogueira, crucificado ou condenado ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos. Por isso, não podem ser numerosos, nem desenvolver-se[sic] de modo rotineiro” (Said, 2005, p. 22).

Por sua vez, ao discutir a relação dos intelectuais com o poder, Norberto Bobbio (1997, p. 9) começa analisando a obra de Benda pela generalização da expressão “a traição dos intelectuais”: “falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa indistinta é uma insensatez: a uma afirmação peremptória como ‘os intelectuais traem’, deve-se imediatamente perguntar: precisamente todos? E se não todos, quais?”.

Se em Julien Benda o intelectual se mostra tributário do pensamento universalista, da utopia em mudar o mundo, comprometido com a vocação de valores perenes e abstratos; Antônio Gramsci, por outro lado, diz que “todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (Said, 2005, p. 19).

A preocupação de Moog com a modernização da cidade, por meio de padrões racionais de assepsia e urbanismo, parece distanciá-lo das condicionantes impostas para o intelectual de Benda, uma vez que tal atribuição é mais lícita ao político e não ao intelectual. Todavia, se o olhar conduzir-se pela afirmação de Gramsci, então Moog assume status de intelectual, pois não recusa em fazer-se político.

Entre Benda e Gramsci, entre o traidor e o alienado, é possível localizar a presença de Vianna Moog, sem precisar vínculo com um ou outro. Outros escritos do autor revelam seu apego aos valores universais relevantes na formação da sociedade ocidental: “No plano cultural, sou antes um simpatizante do universalismo do século XVIII que do especialismo dos tempos que correm. Num mundo em que as exigências técnicas vêm preterindo cada vez mais os reclamos da espiritualidade, isso até certo ponto era inevitável” (Moog, 1966, p. 76).

O gosto pela universalidade também aparece no romance em análise, no momento em que o autor descreve as reações de ordem sentimental do protagonista Geraldo, na medida em que vai ampliando a teia de relacionamentos na cidade de Blumenthal. Em determinada

ocasião quando assistia a um concerto de música instrumental, o personagem exaltava a música francesa por considerá-la menos inquietante e perturbadora. Daí o maior apuro clássico do francês, fazendo ecoar sua universalidade, diz ele. A música, como a literatura francesa, reflete a clareza, o acessível, o positivo. Geraldo falava com seus pensamentos e questionava a excessiva preocupação do francês com essa clareza junto a seu público: “Por isso mesmo que os artistas franceses não perdiam de vista o público, podiam universalizar-se e conquistar mais depressa, em proveito da latinidade e detrimento do espírito germânico, brumal, impenetrável e misterioso para o homem de outras raças” (Moog, 1973, p. 219).

A defesa da universalidade fundada em valores europeus, sobretudo franceses, como faz Moog por meio do personagem Geraldo, prevalece no discurso de Julien Benda:

O intelectual traiu vergonhosamente seu dever quando, no momento dos fascismos triunfantes, aceitou o injusto porque era um fato, mais, fez-se caudatário das filosofias que mais desprezam a idealidade e o proclamou exatamente porque ele encarnava o que naquele instante era a vontade da história. A lei do intelectual, quando o universo inteiro ajoelha-se diante do injusto transformado em senhor do mundo, é permanecer de pé e opor-lhe a consciência humana. [...] Tais são os principais aspectos dessa nova tradição dos intelectuais que se produziu, especialmente na França (Benda, 2007, p. 99).

Neste caso, o tributo aos valores universais, por parte de Vianna Moog, segue o alinhamento da intelectualidade desejada por Benda, embora isso ocorra por caminhos divergentes. No enfoque de Benda não aparece o intelectual asiático, latino ou africano, a análise remete ao intelectual europeu, especialmente francês. Como caudatário da universalidade, nele recai a inquietação de Benda entre a fidelidade/traição. Ao passo que o romancista brasileiro se mira nos princípios universais franceses como quem busca a imagem no espelho, a imagem do Brasil no espelho internacional. Ao celebrar alguns valores da cultura francesa, o personagem Geraldo não surpreende, antes, segue um dos traços da formação cultural brasileira de captar inovações da cultura européia, como quem deseja importar idéias. Neste sentido José Murilo Carvalho² diz que a importação de idéias não é exclusividade do Brasil, a própria Revolução Francesa foi tributária da antiguidade romana. A particularidade em relação ao Brasil, segundo o autor, reside no sistema educacional exercido pelo Estado colonial e pela Igreja lusitana, cujo rigor controlava a circulação de idéias,

² CARVALHO, José Murilo. Da História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. Revista de História Intelectual, nº 2 (1998), Quilmes. Universidad Nacional de Quilmes, p. 149-168.

currículos, manuais de ensino, além de proibir cursos de formação superior, obrigando muitos filhos de colonos a buscarem formação em universidades européias. Daí a reprodução deste olhar atento às idéias originárias da cultura européia, um pouco como faz o intelectual Vianna Moog (por meio do engenheiro que é o protagonista da história).

Considerando a antinomia de Gramsci e Benda, podemos observar um movimento transitório de Vianna Moog: mostra-se universalista num instante e traidor logo em seguida, sobretudo quando defende questões de ordem social. Sua filiação nas ações da Aliança Liberal em 1930 e revolução constitucionalista em 1932, somada às investidas de cunho social, o revelam. A inclinação para o social também aparece em outros de seus escritos, a exemplo da questão racial no decorrer do romance *Um rio imita o Reno*. Nesse diálogo é revelador a participação do personagem Geraldo, caboclo amazonense, em convivência com a sociedade descendente da cultura germânica de Blumenthal. A aproximação, segundo a perspectiva do romancista, é marcada pelo estranhamento de ambos lados, especialmente pela recusa da sociedade teuto-brasileira para o recém chegado, de modo a transparecer o pensamento racial daquela comunidade:

Dizia-se que os Kreutzer eram muitos germanófilos, só davam emprego a alemão, só protegiam os teutos. Tinha um sobrinho que trabalhava com eles havia dez anos e não conseguia subir. E, no entanto, mal chegava um alemãozinho borra-botas, logo lhe davam emprego e aumento pelo Natal. Ah, filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come do duro. Se eu não fosse promotor, como advogado passava fome. Não peguei até agora nenhuma causa por fora. Onde eu poderia fazer alguma coisa, no serviço crime, estou impedido. (Moog, 1973, p. 08)

Além do tema racial, outras demandas de finalidade prática revelam a “traição” de Moog no romance, como a discussão das identidades brasileiras, da nacionalidade, do patriotismo. Afora isso, havia questões sentimentais em jogo, pois Geraldo se mostrava envolvido em pensamentos que o mantinham vinculado às lembranças de Lore, moça que havia conhecido e pela qual nutria um sentimento de profundo querer, embora não tivesse convicção sobre o que sentia. Outro aspecto que não escapa ao enfoque do autor, diz respeito à diversidade étnica, conforme identifica nos funcionários da empresa dirigida pelo engenheiro. Com isto Moog se afasta novamente da trama romântica e se aproxima de questões identitárias do brasileiro.

Esses “interesses práticos” responsáveis pelo distanciamento do intelectual de seu verdadeiro ofício, segundo Benda, correspondem a um tempo de declínio nos valores

universais, cuja ascensão quer no âmbito do fascismo, quer no âmbito do comunismo, o autor já percebia em 1926. Anos posteriores Benda já discutia os desdobramentos internacionais movidos pela Segunda Guerra Mundial e o cenário geopolítico, como fatores também contrários ao universalismo.

Sem entrar neste mérito, de traidor ou alienado, Gérard Leclerc joga luz na discussão ao afirmar que “o intelectual ultrapassa o campo de sua competência profissional (romancista, historiador, sociólogo, físico, etc.) para falar de coisas nas quais não é expert, mas em relação às quais se julga implicado e preocupado. É o que exprimia Sartre [...] que o intelectual é aquele que se ocupa do que não lhe diz respeito” (Leclerc, 2004, p. 17).

3. Vianna Moog na intelectualidade brasileira

A década de 1930, ocasião em que Vianna Moog lançou *Um rio imita o Reno*, testemunha um novo momento na produção intelectual brasileira, no qual a aparição de autores, literatos, romancistas e pesquisadores ligados ao meio universitário nascente, coincide com novos debates acerca da formação cultural brasileira.

A circulação de Vianna Moog por esses espaços públicos, pelas “redes de sociabilidade”³ e sua projeção na geração de 1930 passa pelo domínio da história intelectual. Segundo Franklin Baumer (1977), a história intelectual (confundida com a história das idéias), é uma disciplina interdepartamental por excelência, pois tem sua origem no mundo interior do pensamento do homem, seja ele integrante ou não de determinada elite. Transita do pensamento privado ao público, das idiossincrasias individuais ao pensamento coletivo. Vianna Moog, neste sentido, independentemente de formar-se com intelectuais traidores ou alienados, se filia a uma geração, cujo diálogo pode indicar como os homens obtiveram suas idéias⁴ e ideais, e como estas afetaram sua geração.

Uma dessas idéias assinalava as diversas transformações impostas ao Brasil pelo governo de Getúlio Vargas, caso da supremacia política, das inovações no setor econômico, seguido da consolidação da classe operária, bem como das mudanças no mercado de trabalho intelectual com a expansão da atividade editorial no país. Alfredo Bosi (1984, p. 428) afirma:

³ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p 252 e 253.

⁴ Robert Darnton, diz que “(...) a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a atender as coisas pensando dentro de uma estrutura fornecida por nossa cultura”. Citado por SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004. p. 23.

“a década de 30, mais moderna do que modernista, (...) iria assumir o devido lugar com o advento de pesquisas antropológicas sistemáticas: uma nova visão do Brasil sairia dos ensaios de Artur Ramos, Roquette Pinto, Gilberto Freyre, Caio Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo”.

Através da expressão “moderna e modernista”, Bosi permite pensar a ocupação intelectual bifurcada em suas possibilidades, na década de 1930. Enquanto “modernista” assinala, em linhas gerais, os eventos literários; o título “moderno” se volta para transformações sócio-culturais no Brasil, embora não haja uma delimitação rígida entre uma coisa e outra, entre literatura e ciências sociais, coisa que talvez ocorra apenas no campo do discurso, das idéias.

Moog discute a obsessão racial dos germânicos, e o faz ao questionar a formação originária desses povos, aplicável também aos italianos. Em razão disso, Moog denuncia a desrazão do discurso propagandista da pureza racial. Ou seja, tanto alemães, quanto italianos, ao contrário do que asseguram, eram portadores das mais variadas experiências no campo dos cruzamentos étnicos.

Como poderiam, portanto, aventar a singularidade sanguínea, a ponto de atribuírem juízo de valor pejorativo a toda manifestação produzida pelo “diferente” (pelo caboclo), se a cor branca de suas peles não garantia pureza racial? Foi na remota mistura produzida pelos cruzamentos consangüíneos que a saúde européia se estabeleceu aos olhos do mundo. Moog ainda questiona. “A que devesse, portanto, se por menos deveria ocorrer no Brasil?”. Gilberto Freyre, por exemplo, salienta o preponderante déficit sanitário da população negra e mulata no Brasil explicada pela inferioridade social e menos na inferioridade racial: “Sendo a tuberculose como é, doença que se aproveita das condições precárias de vida, inclusive, [...] o déficit no balanço nutritivo não é de espantar que a nossa população mulata e negra, mal abrigada e mal nutrida, ofereça aos cemitérios tão grandes massas de tuberculosos.” (Freyre, 2002, p. 660-690).

A análise da questão racial, conduzida por Vianna Moog no romance, está vinculada ao discurso “moderno”, da nacionalidade brasileira, cuja legitimidade correspondia ao esvaziamento de vozes dissidentes de alemães e italianos que pudessem representar riscos ao Brasil, conforme advertira Silvio Romero, um dos precursores da geração de 30, no texto “*O Alemanismo no Sul do Brasil*”, produzido no final do século XIX. Segundo Romero, “os

alemães tem aversão e desprezo por tudo que é brasileiro: “nenhum empregado brasileiro exerce funções nas colônias”⁵.

Por este enfoque, Moog circula a “moderna” idéia de Brasil com um discurso de dupla face: a condenação do princípio racista de alemães e italianos no Brasil, sobretudo os alemães de Blumenthal, vai ao encontro da política nacionalista de Getúlio Vargas, notadamente no período do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial; ao mesmo tempo, Moog advoga a diversidade cultural brasileira ao mencionar as diversas ilhas culturais no Brasil. Tanto caboclos, alemães, italianos, portugueses, negros, deviam conduzir a formação cultural brasileira pela aceitação das relações étnicas, diz o autor.

Se por um lado, o país deveria sujeitar-se a uma nacionalidade brasileira exclusivista, de uma só voz, a qual parecia representar não só o desejo de Moog, mas de alguns segmentos de sua geração intelectual e, notadamente, os interesses políticos da ditadura Varguista, por outro, não havia como negar a necessidade de compor a sociedade brasileira pela miscigenação. Sobre a relação dos intelectuais com as temáticas desse período, Antônio Cândido ressalta que “o intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecer negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras complicado” (Miceli, 2001, p. 72).

4. Considerações finais

A breve análise do romance *Um rio imita o Reno*, conforme aqui elaborada, parece revelar o pertencimento de Vianna Moog ao meio intelectual sem configurar identidade conceitual fixa, como bem convém ao homem de cultura, segundo Norberto Bobbio. (Bobbio, 2005, p. 23).

Moog se faz presente na década de 1930 ao inserir-se em discussões essenciais no sentido de projetá-lo na geração de sucesso de *Um rio imita o Reno*. Moog marcou seu espaço intelectual de modo flutuante, frente às linhas mestras estabelecidas por autores como Julien Benda, Antonio Gramsci e Croce, conforme lembrado por Norberto Bobbio.

Advogou verdades e razões universais como valores preponderantes na conta da modernização e civilização, não apenas para a sociedade brasileira, mas para o conjunto da humanidade, de modo a qualificá-lo como um intelectual fiel à tradição definida por Benda.

⁵ ROMERO, Sílvio. *O Alemanismo no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: TYP, 1906, p. 19 e 36.

Por outro lado, não se fez personagem unicamente simbólico, marcado pelo distanciamento em relação aos problemas práticos da agenda política e social da geração de 30. Mesmo encarnando os valores universais, Moog atuou na esfera do particularismo, dos poderes instituídos como faz o conselheiro do príncipe, o especialista a serviço do poder (notadamente quando advoga a unificação da cultura alemã e italiana em nome da nacionalidade brasileira). Do mesmo modo, assumiu papéis de dissidente ao engajar-se em causas de apelo sociais (tema central do romance em que o engenheiro Geraldo se ocupa em instalar sistema de tratamento das águas do rio que imita o Reno). Nesta tensão entre o guardião da causa política e a defesa das demandas sociais, Moog não escaparia da acusação de trair a causa intelectual dirigida por Benda.

Em face disso, a maneira mais lúcida para definir o posicionamento intelectual de Vianna Moog parece indicar o pensamento de Croce, para quem, o homem de cultura se faz atuante, sem temores por meio de sua força não-política.

Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Fernando. *Cultura brasileira: Introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: UNB, 1963.
- BASTOS, Elide Rugai e REGO, Walquíria Leão. *Intelectuais e política*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- BAUMER, Franklin L. *O Pensamento Europeu Moderno: Volume I. Séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.
- BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929 – 1989*. São Paulo: UNESP, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. Da História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Revista de História Intelectual*, nº 2 (1998), Quilmes. Universidad Nacional de Quilmes, pp. 149-168.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. Centro de Estudos Direito e Sociedade – Cadernos CEDES, nº. 09. (CEDES / IUPERJ).
- FALCON, F. C. “História das idéias”. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. (org.). *Domínios da história – Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Record, 2002, p. 660-690.

- FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política em los anos veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.
- GAUER, Ruth M. Chittó. Personalidade e conduta violenta. *Revista de Ciências Sociais* Ano 1, nº 2, dez. 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. São Paulo: Mercado de Letras, 2005.
- _____. *Essa Gente do Rio*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- LOPES, Marco Antônio. *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MOOG, Vianna. *Interpretação da literatura brasileira e outros escritos*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.
- _____. *Um rio imita o Reno*. 8 ed. Porto Alegre: Globo, 1973,
- RODRIGUES DA SILVA, H. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papyrus, 2002.
- ROMERO, Sílvio. *O Alemanismo no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro: TYP, 1906.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.
- SILVA, Helenice Rodrigues. “A História Intelectual em questão”. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da História intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.